

A DECOLONIALIDADE NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: DIÁLOGOS DA HQ AJURICABA DE ADEMAR VIEIRA E JUCYLANDE JÚNIOR E A AUTOETNOGRAFIA A QUEDA DO CÉU DE DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT

*José Henrique de Freitas Rodrigues*¹
*Francisco Pereira Smith Júnior*²

Resumo: O presente artigo faz uma análise da narrativa gráfica Ajuricaba, de Ademar Vieira e Jucylande Júnior em diálogo com a autoetnografia A Queda do Céu de Davi Kopenawa e Bruce Albert na qual propõe realizar uma teia de relações que enfatiza a complexidade e a interdependência dos elementos que dialogam em ambas as obras. Para isto, foi utilizado o método comparado e apresenta um problema que pretende compreender de que forma as obras apresentam diálogos que envolvem temas como colonialidade, luta e resistência. Como conclusão, compreendemos que a crítica ao desenvolvimento e à globalização, bem como à colonialidade do poder, são temas centrais que convergem na luta existente na narrativa gráfica de Ajuricaba, assim como na obra a *A Queda do céu*. Sendo assim, foram utilizados como aportes teóricos deste artigo as teorias de Escobar (2005) e Quijano (2005).

Palavras-chave: Decolonialidade; quadrinhos; luta; Amazônia.

DECOLONIALITY IN THE BRAZILIAN AMAZON: DIALOGUES BETWEEN THE COMIC AJURICABA BY ADEMAR VIEIRA AND JUCYLANDE JÚNIOR AND THE AUTOETHNOGRAPHY A QUEDA DO CÉU BY DAVI KOPENAWA AND BRUCE ALBERT

Abstract: This article analyzes the graphic narrative Ajuricaba, by Ademar Vieira and Jucylande Júnior, in dialogue with the autoethnography The Fall of Heaven by Davi Kopenawa and Bruce Albert, in which it proposes a web of relationships that emphasizes the complexity and interdependence of the elements that dialogue in both works. To do this, the comparative method was used and presents a problem that aims to understand how the works present dialogues that involve themes such as coloniality, struggle and resistance. In conclusion, we understand that the critique of

¹ Mestrando do Curso de Pós Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia pela Universidade Federal do Pará - PPLSA/UFPA; <http://lattes.cnpq.br/2370982060476752>; Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7879-7421>. Bragança – Pará – Amazônia- Brasil. *rodrigues.de.freittas@gmail.com*

² Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Pará (PPGDSTU/NAEA/UFPA) com estágio pós-doutoral em Estudos Comparados na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/UNIOESTE); Professor do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES/UFPA) e do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA). <http://lattes.cnpq.br/4369023473293807>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6336-9249>. Belém – Pará – Amazônia – Brasil. *fsmith@ufpa.br*

development and globalization, as well as the coloniality of power, are central themes that converge in the struggle that exists in Ajuricaba's graphic narrative, as well as in The Fall of Heaven. As such, the theories of Escobar (2005) and Quijano (2005) were used as theoretical contributions to this article.

Keywords: Decoloniality; comics; struggle; Amazonia.

DECOLONIALIDAD EN LA AMAZONIA BRASILEÑA: DIÁLOGOS ENTRE EL CÓMIC AJURICABA DE ADEMAR VIEIRA Y JUCYLANDE JÚNIOR Y LA AUTOETNOGRAFÍA A QUEDA DO CÉU DE DAVI KOPENAWA Y BRUCE ALBERT

Resumen: Este artículo analiza la narrativa gráfica Ajuricaba, de Ademar Vieira y Jucylande Júnior, en diálogo con la autoetnografía La caída del cielo, de Davi Kopenawa y Bruce Albert, en el que se propone una red de relaciones que enfatiza la complejidad e interdependencia de los elementos que dialogan en ambas obras. Para ello, se utilizó el método comparativo y se plantea un problema que tiene como objetivo comprender cómo las obras presentan diálogos que involucran temas como la colonialidad, la lucha y la resistencia. En conclusión, entendemos que la crítica al desarrollo y a la globalización, así como la colonialidad del poder, son temas centrales que convergen en la lucha que existe en la narrativa gráfica de Ajuricaba, así como en La caída del cielo. Para ello, se utilizaron las teorías de Escobar (2005) y Quijano (2005) como aportes teóricos a este artículo.

Palabras clave: Decolonialidad; cómic; lucha; Amazonia.

Introdução

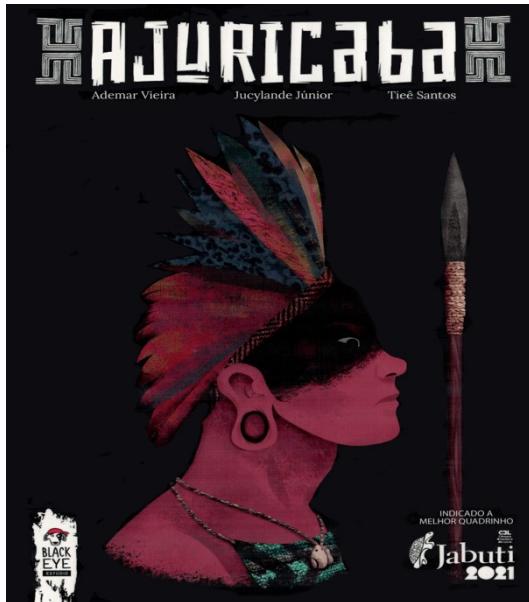
Ajuricaba é um líder indígena que resistiu à colonização portuguesa no século XVIII apresenta possibilidades para análise e reflexão acerca das estruturas dominantes de poder e a valorização de epistemologias alternativas, tão válidas quanto as prestigiadas pela ortodoxa noção de conhecimento.

Ajuricaba, enquanto personagem é também narrativa que representa a resistência contra a homogeneização cultural e a destruição dos saberes tradicionais - por esse motivo, o tomamos como símbolo etéreo daquilo que o decolonialismo exprime. Após interpretar as ações mal-intencionadas dos colonos portugueses nas aldeias indígenas, Ajuricaba adverte o cacique - que, por acaso, é seu pai - sobre os perigos advindos do povo branco. Por infortúnio, o aviso foi ignorado, e o cacique foi manipulado, traído e ceifado pelos lusitanos. Após esse fato, Ajuricaba reivindica sua posição como sucessor de seu pai e declara guerra contra os portugueses, impedindo sua subida pelo Rio Negro por cinco anos.

Assim nasce a obra Ajuricaba, uma narrativa gráfica que apresenta as aventuras de um herói indígena que luta a favor de seu povo frente a imposição do colonizador branco.

1. Ajurucaba: Uma narrativa gráfica decolonial

Imagen 1 – Capa da HQ Ajuricaba



Fonte: Acervo dos Autores

Para discutirmos a obra Ajurucaba, nós optamos pelas leituras de Escobar (2005), antropólogo colombiano conhecido por suas críticas ao desenvolvimento e à globalização. Em seu artigo “O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?”, ele tece reflexões acerca do *locus* enquanto ponto geográfico. Ele também aborda o *locus* como uma perspectiva e como um todo de um contexto alternativo, por vezes contrário ao estabelecido pela globalização/modernidade. O tema abordado por Escobar questiona os paradigmas estabelecidos pela globalização e propõe uma visão alternativa que valoriza contextos locais e perspectivas diversas, contribuindo para o campo dos estudos pós-coloniais, decoloniais e de desenvolvimento, ao analisar as problemáticas originadas dos modelos hegemônicos e pensar, como contraponto, em alternativas de modelos sustentáveis de desenvolvimento. A grosso modo, atenta-se ao lugar e sua relevância para a construção do saber, pois

(...) O lugar, em outras palavras, desapareceu no “frenesi da globalização” dos últimos anos, e este enfraquecimento do lugar tem consequências profundas em nossa compreensão da cultura, do conhecimento, da natureza e da economia. (...) (Escobar, 2005, p. 63)

Permitindo o diálogo a partir do que já citamos anteriormente, critica-se o modelo de desenvolvimento ocidental que ignora as especificidades locais e impõe uma visão homogênea de progresso. Esse fenômeno é entendido, por assim dizer, como “colonialidade do poder”, em que o eurocentrismo, de maneira geral, desconsidera os saberes locais. Dito isso, essa arrogância científica assegurou a vitória de Ajurucaba em seus embates contra a coroa portuguesa, pois, apesar de os lusitanos explorarem a terra, não a conheciam - de modo literal e abstrato.

(...) Efetivamente, os modelos locais são “experiências de vida”; “desenvolvem-se através do uso” na imbricação das práticas locais, com processos e conversações mais amplos (Gudeman e Rivera, 1990: 40). Porém essa proposta sugere que podemos tratar o conhecimento corporizado, prático, como constituindo - apesar disso - um modelo de alguma maneira comprehensivo do mundo. (...) (Escobar, 2005, p. 67)

Os conhecimentos e práticas locais são moldados e aprimorados através das vivências e do uso contínuo nas práticas cotidianas. Esses conhecimentos não existem de forma isolada, mas estão integrados em processos e diálogos mais amplos. Em resumo, o conhecimento local, mesmo sendo prático e baseado na experiência, possui valor significativo e pode proporcionar uma compreensão ampla e profunda do mundo. Assim, Ajuricaba pode ser interpretado não apenas como uma defesa da localidade e dos saberes indígenas contra a globalização e a colonização, mas também, aqui enfatizo, como um símbolo de resistência.

Ademais, ao seguir a vertente da “colonialidade do poder”, torna-se imperativo o estudo das considerações de Aníbal Quijano em “A colonialidade do poder, eurocentrismo e a América Latina”. Quijano - figura central no debate acadêmico sobre colonialismo, modernidade e poder, além de demonstrar um claro domínio e oferecer críticas substanciais ao modelo econômico-social vigente, explora como a colonialidade do poder impõe uma estrutura baseada na raça e, de certo modo, na globalização/modernidade.

A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. (...) desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos [colonizadores e colonizados].

A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas (...) raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.

(...) os colonizadores codificaram como cor os traços fenótipos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial. (...) Em consequência, os dominantes chamaram a si mesmos de brancos.

(...) Isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal. (...) modo básico de classificação social universal da população mundial. (Quijano, 2005, p. 121)

Ajuricaba, tanto em sua narrativa quanto em suas adaptações, manifesta-se como um exemplo concreto das reflexões tecidas por Quijano acerca da colonialidade do poder. Sustentando-se no argumento de que a ideia de raça foi concebida para justificar e normalizar a dominação social, os colonizadores portugueses classificaram e hierarquizaram os povos indígenas baseando-se em noções fundamentadas em características fenotípicas. Eles impuseram uma identidade racial que serviu e ainda serve — sob o pretexto do eurocentrismo — para legitimar a exploração e a opressão. Essas práticas se estendem para além da carnalidade, sendo vistas também no imaginário, que é o locus protagonista do movimento decolonial. Ajuricaba não apenas resistiu fisicamente, mas também simbolicamente, defendendo a autonomia cultural e o direito ao próprio conhecimento.

Outrossim, fechando o círculo dialético das leituras supracitadas, chamamos a atenção para Sidney Lumet (1924-2011), diretor americano que se consagrou por seus dramas com enfoque na justiça social, na classe trabalhadora e nas complexidades da autoridade. Por esse motivo, o filme “12 Homens e uma Sentença (1957)” aborda a justiça sob a perspectiva de um júri que deve decidir a culpa de um acusado. No entanto, um único jurado desafia a narrativa dominante de culpa, questionando as evidências e preconceitos dos outros jurados. O jurado nº 08 emprega a lógica e a razão, desconsiderando quaisquer pré-concepções que pudessem, de alguma forma, influenciar sua argumentação, para desconstruir as perspectivas dos seus companheiros de júri, dadas como e somente verdadeiras, provocando, assim, a dúvida em seus âmagos. Afinal, o objetivo do filme é propor uma reflexão acerca da perspectiva de um sujeito ao outro, a grosso modo, uma crítica aos preconceitos. Adicionalmente, comparo essa crítica ao modelo eurocêntrico e às narrativas hegemônicas, pois desconsideram outras formas de conhecimento, tal qual o jurado, em sua maioria,

desconsidera a perspectiva e o locus - enquanto ponto geográfico, identitário e mental - do acusado. Por fim, a decisão de questionar a única narrativa apresentada promove, no terceiro ato, a possível inocência do réu. A narrativa do filme destaca a importância de questionar preconceitos e buscar uma justiça mais equitativa.

De modo análogo, a resistência de Ajuricaba pode ser compreendida como um embate, de forma literal, e uma luta - aqui eu infiro - por justiça, estendendo-se para além do ambiente judiciário, transmutando a atual noção epistemológica, questionando, sobretudo, as narrativas dominantes, de modo a mitigar as frequentes marginalizações dos saberes extraordinários.

Além do mais, a capacidade individual, seja ela em plano real ou intangível, catalisa a divergência das relações sociais, provocando o afastamento ou aproximação dos sujeitos afins. Esse é um fenômeno comportamental natural. A personagem nº 08, no entanto, assim como Ajuricaba, configura o oposto. Ao apresentar/questionar a narrativa contrária a dominante, permite a aproximação do outrém, emancipando seu povo da colonialidade.

Assim sendo, a narrativa de Ajuricaba, quando analisada à luz das teorias de Escobar (2005) e Quijano (2005), denota a relevância de reconhecer e apreciar os saberes locais e tradicionais na construção do conhecimento. Afinal, qual a utilidade da ciência senão aproximar perspectivas?

A crítica ao desenvolvimento e à globalização, bem como à colonialidade do poder, são temas centrais que convergem na luta de Ajuricaba por uma justiça mais equitativa e uma valorização das epistemologias alternativas. De modo mais prático e próximo, Lumet (1957) ilustra tais críticas às estruturas de poder com a personagem nº 08. Logo, é possível inferir que ambas as narrativas, embora distintas em contexto e tempo, convergem na crítica às estruturas de poder e na valorização de epistemologias alternativas, promovendo uma visão mais justa e equitativa do saber e da justiça. Assim, a narrativa de Ajuricaba não apenas enriquece a compreensão das críticas de Escobar (2005) e Quijano (2005), mas também oferece uma perspectiva decolonial de suma importância, contribuindo com o resgate de outras narrativas, valorização identitária e territorialização do saber.

2. Diálogos de Ajurucaba e a A Queda do Céu

A presente pesquisa objetiva propor ao leitor uma teia de relações que enfatiza a complexidade e a interdependência dos elementos que dialogam entre si. O texto amarrilho o qual utilizamos como linha central a que atarei os demais fios pertence a Krenak em Ideias para adiar o fim do mundo. O motivo que sustenta esta escolha baseia-se na proposta reflexiva do autor, a qual reconsidera nossa relação com a Terra. A começar pelo título inquietante e pautas ainda mais instigantes; ao discorrer sobre o mito da sustentabilidade e ao conceito de humanidade a que a modernização concebe.

O texto de Krenak permite construir um diálogo com o texto de Arturo Escobar, O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento, pois, de certo modo, ambos discorrem acerca de “o lugar” e também “da natureza” sobre o ponto de vista globalizado, em uma tentativa de resgate de uma cosmovisão alternativa. A grosso modo, Escobar explora a relação entre a globalização econômica e as experiências locais, propondo uma perspectiva crítica sobre o desenvolvimento, valorizando o conhecimento local e a experiência do lugar como elementos fundamentais para enfrentar os desafios da globalização, enquanto que Krenak estava por brincar com a situação ao ser chamado para ser palestrante em um encontro com a temática “desenvolvimento sustentável”, pois estava absorto em suas tarefas domésticas e não achou que fosse levado a sério, ainda mais reverberar como se deu.

No entanto, a brincadeira não desmerece a importância da persona enquanto estudioso e nem as

reflexões propostas por ele. Krenak desafia o paradigma do suposto desenvolvimento econômico que ignora os limites das provisões naturais, em um divórcio com a natureza, e a importância da biodiversidade. Ele sugere que, ao invés de buscar incessantemente o crescimento econômico, e participar de uma ideia alienista a que tanto te limita quanto a humanidade, as sociedades deveriam aspirar a uma existência mais harmoniosa e equilibrada em um movimento de retorno a existência natural, respeitando os ciclos da natureza e a sabedoria ancestral dos povos originários, reconhecendo que os seres humanos são apenas uma parte de um grande organismo interdependente.

O primeiro ponto nodal desta aproximação, assim como os demais outros nós, ancoram-se na interseção com a *graphic novel* Ajuricaba. Ideias para adiar o fim do mundo torna-se a voz ao alcance de qualquer ouvinte, não apenas aos que desejam ouvir, sendo um manifesto pela valorização e pelo respeito às culturas indígenas, que têm sido reduzidas em sua importância, marginalizadas e oprimidas ao longo da história.

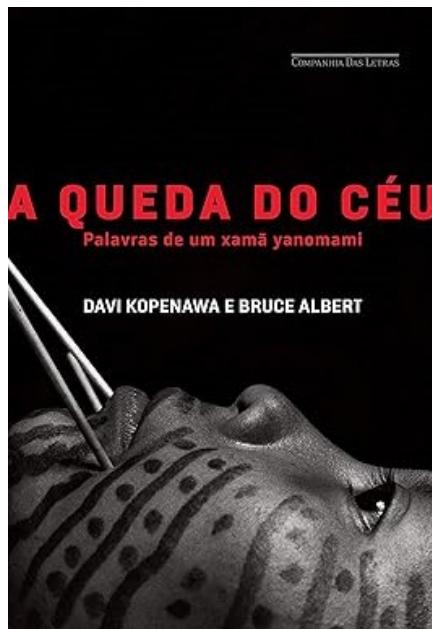
Por outro lado, a *graphic novel* revitaliza um episódio histórico do século XVIII de resistência, mostrando que a luta indígena é uma constante na história da construção de identidade do Brasil. A narrativa gráfica enfatiza a astúcia e a personalidade forte de Ajuricaba - líder insurgente -, e emprega imagens e sequências gráficas para imergir o leitor na experiência vivida pelos povos indígenas durante a colonização, promovendo a verossimilhança por meio da aproximação performática que a adaptação traduziu e seu campo da linguagem permitiu. Portanto, a convergência dessas narrativas, expressas cada qual em seu ambiente linguístico, transcende o tempo e o espaço ao unir diferentes manifestos em um propósito comum: o retorno do homem à natureza e a resistência³. Ademais, o segundo texto que entrelaçamos nesta teia de relações é de Davi Kopenawa - escritor e xamã Yanomami -, intitulado *A Queda do Céu*. O fio condutor que evocamos é a interpretação da representação de autoimagem e heteroimagem proposta por Kopenawa de si e de seu povo.

O processo de construção identitária é uma ação complexa que pode manifestar-se de maneira hostil e agressiva, ou em um tom mais moderado e ameno. O que se sabe é que esse processo frequentemente envolve mecanismos de apagamento, visando consolidar uma identidade de prestígio. Sob essa perspectiva que o Xamã Yanomami assume a posição de narrador a fim de expor o panorama dos Yanomami, com destaque as meditações de

Kopenawa sobre o contato predatório com o homem branco, uma ameaça constante ao seu povo desde os anos 1960.

³ Aqui, faço uso de um neologismo que abrange o significado de "resistência" - ato ou efeito de resistir - e "existência" - estado de quem ou do que subsiste, sobrevive. Assim, crio uma mescla que confere o sentido de "resistir e existir"; "rexistência" é um termo empregado na tese de doutorado intitulada "POÉTICAS DA REXISTÊNCIA: Escrituras indígenas de autoria de mulheres potiguara (Brasil) e mapuche (Chile)" da Professora Dra. Larissa Fontinele, que aduz justamente para uma nova terminologia da palavra resistência como não somente resistir mais também existir;

Imagen 2 – capa do livro A queda do céu



Fonte: Acervo dos Autores

Nesta análise, trataremos Kopenawa como um narrador-personagem, deste modo, será possível realizar outro diálogo, desta vez com Joseph Campbell, acerca da jornada do herói composta por um eixo de 12 pontos em comum - podendo as 12 etapas se fazerem presentes ou não - distribuídos em três Atos identificados no processo de construção do guerreiro paladino, descrito em *O Herói de Mil Faces* (1997).

A começar pelo Ato 1, composto por: Mundo Comum; Chamado à Aventura; Recusa ao Chamado e Encontro com o Mentor.

Primeiramente, lembaremos ao leitor que este ponto nodal está trançado na adaptação gráfica de Ajuricaba. Portanto, farei aqui uma breve alusão comparativa conforme os estágios da jornada do herói se desenvolvem.

Inicialmente, a etapa do Mundo Comum nos apresenta o contexto no qual a personagem está inserida: Ajuricaba é o filho do Cacique da tribo dos Manaós, e Kopenawa é um inquieto rapaz do povo Yanomami. Ambos admiradores dos grandes homens⁴, no entanto, a pouca idade os restringe. “Quando se é jovem, ainda não se sabe de nada. O pensamento é cheio de olvido. É só mais tarde, uma vez adulto, que se pode tomar dentro de si as palavras dos antigos. Isso vai sendo feito aos poucos.” (Kopenawa, 2015, p. 376).

Adiante, com o claro desconforto ante a presença dos brancos, seguimos com o chamado à aventura, visto a cólera de Ajuricaba motivada por vingança, enquanto que o jovem xamã Yanomami é confrontado com as ameaças ao seu mundo e modo de vida tradicionais. “Eu (...) tive de aprender a discursar diante dos brancos quando era muito jovem. É verdade! Eu já me dirigia com firmeza a eles, enquanto nem ousava falar ao modo [hereamuu] em minha própria casa!” (Kopenawa, 2015, p. 376).

⁴ Anciões descritos por Kopenawa em “Queda do céu”, os quais prestam o serviço de sábios. O povo Yanomami obedece uma cadeia hierárquica baseada no etarismo;

A recusa do chamado pode ser interpretada na hesitação inicial de Kopenawa em se envolver com o mundo dos não-indígenas. “Minha boca tinha vergonha, pois se eu tivesse me arriscado a exortar os meus, eles teriam zombado de mim com dureza. (...) Teria mesmo dado pena de ver! Por isso, eu não dizia nada, com medo de caçoarem de mim.” (Kopenawa, 2015, p. 376). No caso de Ajuricaba, a personagem apenas se absteve das negociações com seu pai, o cacique, e o povo branco, visto que seus conselhos eram sempre desprezados.

Por fim, visto a recusa do chamado, o herói necessita de um apelo que o impulsione a dar prosseguimento à história. Neste caso, o encontro com o mentor marca o fim do Ato 1. Em ambas as situações, os anciões são tidos como a figura do mentor, os quais sinalizam o caminho da sabedoria por meio de suas vivências. Por esse motivo, a hierarquia baseia-se no etarismo, e os jovens são desqualificados no quesito aconselhamento.

O jovem Yanomami tinha o apoio do sogro, que serviu como mentor e foi a força que o estimulou a entrar em movimento, tal qual os conceitos da física explicam. “Hoje, às vezes eu tento falar em hereamuu. Se as pessoas de minha casa começam a prestar atenção no que digo, continuo. Senão, volto a emudecer e fico quieto na minha rede. Todavia, meu sogro nunca se mostrou hostil às minhas falas, muito pelo contrário. Isso me dá força.” (Kopenawa, 2015, p. 379); Ajuricaba, no entanto, assume precocemente o papel de cacique devido ao assassinato do pai e é motivado pelas visões xamânicas de seu povo.

Outrossim, com a virada do Ato 2, assume-se como etapas: Travessia do Primeiro Limiar; Testes, aliados e inimigos; Aproximação da Caverna Oculta; Provação Máxima e Recompensa;

A travessia do primeiro limiar pode resumir-se à tomada de decisão do herói acerca do desenvolvimento de sua história, podendo esta ser encerrada ali ou traçar novos horizontes. Sob essa perspectiva, Kopenawa e Ajuricaba assumem a posição convergente de líderes insurgentes, reunindo os mais distintos povos indígenas em prol de um único objetivo: lutar, seja de modo literal ou metafórico. A luta não se reduzia apenas à sobrevivência física, mas também à preservação da identidade cultural. “O que eu quero é que mostremos nossa valentia, sobretudo nos defendendo contra os que querem devastar nossa terra. São eles [,os brancos,] os nossos verdadeiros inimigos! Nós, habitantes da floresta, somos a mesma gente, devemos ser amigos!” (Kopenawa, 2015, p. 381).

Os testes, aliados e inimigos advêm dos desafios enfrentados por ambos os personagens heroicos. Ajuricaba administra uma guerra com ataques diretos e repletos de agressividade. Kopenawa (2015), não muito distante, resiste aos embates contra a avareza dos grandes homens comedores de metal, cobertos pela epidemia xawara⁵.

A aproximação da caverna secreta pode ser interpretada nas visitas à terra dos homens brancos em ambas as obras, visto que esta etapa sugere a captura do objeto o qual instigou a necessidade participativa do herói.

A provação máxima, no entanto, refere-se ao embate em que se espera a perda e a morte – por vezes literal – do personagem. Esta etapa encontra-se apenas em Ajuricaba, pois ele sucumbe ante a traição de um companheiro Manaó. Kopenawa não sucumbe de modo literal; no entanto, passa por um processo de amadurecimento, que ele descreve como “a boca foi perdendo a timidez”.

Por fim, o Ato 3 não é perceptível na análise das obras. Todavia, a fim de situar o leitor acerca da composição integral das etapas, descrevo os títulos do conceito, mas me limito a somente isso: Caminho de Volta; Ressurreição; e Retorno com o Elixir.

⁵ A doença do minério; Fumaça produzida pelo ouro ao ser esquentado e manipulado a céu aberto;

Adiante, no contínuo tecer de palavras, entrelaçamos novos fios de texto, que, ao ser tecido, ressignifica o olhar comum sobre o rio e os lugares ancestrais. Para isso, faço uso do texto de Kambeba em *O lugar do saber, e Plas em O rio, ator do território amazônico*.

Márcia Kambeba, geógrafa, ativista e pertencente ao povo Omágua/Kambeba, traz em sua obra uma reflexão sobre a sabedoria ancestral, com alertas acerca do modo de vida moderno e os perigos de negligenciar os atores da terra, concebidos como ancestrais de nossa gente. No entanto, limito-me a deliberar somente sobre a concepção e a importância dos rios como veias que conectam a vida e a história de seu povo. Justifico o uso de “veias” em vez do comumente uso “vias”, pois tenho a intenção de ratificar, munido dos textos-fios, a perspectiva de vida, ressignificando a forma de tratamento para não mais objeto, mas um ser vivo. O rio, em sua fluidez, é um símbolo de memórias e identidades que se entrelaçam no tempo e no espaço, constituindo um diálogo contínuo entre passado, presente e futuro. O rio, nesse contexto, é mais do que um recurso o qual a modernização insiste em perpetuar em conceito e definição; é um espaço de luta e resistência, um lugar onde a ancestralidade se manifesta na defesa da terra e da cultura. “A água tem poder de cura na cultura indígena. Muitos rituais acontecem perto do rio.” (Kambeba, 2020, p. 13).

Não obstante, Plas (2023) aborda o rio em situações de contraste - Belém e Cametá -

ao propor a perspectiva urbana nos moldes do modernismo e desenvolvimento vertical, em diálogo com o também urbano; todavia, de modo que as identidades advindas dos povos tradicionais ainda reverberam em seus modus operandi. O autor interpreta o rio como um ator ativo, o que, segundo o dicionário Oxford Languages, lhe confere o conceito de: “1. aquele que desempenha um papel; 2. aquele que tem papel ativo em algum acontecimento.” Portanto, é possível inferir que se trata de um ator não humano que desempenha um papel essencial na configuração das relações sociais e espaciais.

Neste contexto, o rio atua tanto na separação quanto na conexão de comunidades, influenciando e sendo influenciado pelas dinâmicas antropogênicas. Essa característica plural fundamenta-se em sua capacidade de ser, simultaneamente, um protagonista silencioso e uma força motriz das histórias humanas circundantes. Apesar da mudez intrínseca dos lugares da ancestralidade, o povo tradicional mantém, ao menos nas memórias descritas por Kambeba, a afabilidade com os agentes da terra, pois o silêncio também é capaz de se comunicar.

(...) a lição de silenciar para sentir e ouvir a mensagem da natureza marcou minha infância. (...) Esses ensinamentos ainda mantidos hoje, contribuem para constituição de identidade, da noção de pessoa, dos valores e crenças, do coletivo social, da relação com a natureza, do respeito ao outro, do entendimento de partilha, da percepção de cada indivíduo dentro da sociedade indígena e da responsabilidade que cada pessoa carrega consigo. (Kambeba, 2020, p. 13-14)

Dessa forma, sugere-se que essa relação de interação constante transforma o rio em muito mais do que um simples cenário; ele se posiciona como um personagem fundamental na narrativa socioespacial da Amazônia.

Por outro lado, a narrativa visual da *graphic novel* Ajuricaba enfatiza a importância do rio através de seu papel na formação da identidade cultural dos Manaó e na manutenção de sua soberania, visto que estavam em ressonância com as águas do Rio Negro, impedindo a subida dos indesejados. O rio, neste contexto, pode ser interpretado como uma metáfora, representando tanto uma barreira física, como descrito acima, que separa e isola quanto um meio de conexão e comunicação entre diferentes comunidades. A relação do rio na obra pode ser analisada sob o escopo de distintas lentes. Primeiramente, como um espaço de liberdade e autonomia, onde Ajuricaba e os Manaó exercem controle e resistência contra as forças coloniais. Em segundo lugar, o rio pode ser visto como um agente de conexão para fins de trocas culturais e comerciais; assim como as pegadas na terra, o rio guarda em seu fluxo histórias e memórias que se comunicam silenciosamente com aqueles que têm a gentileza de observar e ouvir.

Por fim, propomos o “perspectivismo ameríndio”, apresentado por Viveiros de Castro em *Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio*. Este conceito sugere que cada ser (humano, animal, espírito) vê o mundo a partir de sua própria perspectiva, resultando em uma realidade multifacetada e rica em interpretações. Tal ideia ressoa com a narrativa sequencial, onde o rio e a natureza não são apenas cenários passivos, mas agentes ativos, dotados de suas próprias visões e influências.

Em Ajuricaba, o rio desempenha um papel crucial como um ator não humano que interage com as comunidades indígenas, refletindo a ideia de Viveiros de Castro de que os elementos naturais têm suas próprias perspectivas e modos de existência. Assim, a luta de Ajuricaba contra os colonizadores pode ser vista não apenas como um conflito humano, mas também como uma resistência que envolve a natureza como aliada e protagonista.

Considerações Finais

A interconexão entre os seres humanos e o meio ambiente na *graphic novel* exemplifica a fluidez das identidades e a integração entre natureza e cultura, conceitos centrais no perspectivismo ameríndio. O rio, portanto, não é simplesmente um recurso natural, mas um agente com sua própria voz e história, refletindo a visão cosmológica ameríndia de um mundo em que tudo está interligado e possui uma perspectiva única.

Neste artigo, utilizamos a analogia da tecelagem para propor um diálogo entre diversos textos abordados na disciplina, relacionando-os com meu objeto de pesquisa, a *graphic novel* "Ajuricaba". Concebi os textos como fios que, entrelaçados, formam uma teia de reflexões e conexões.

Iniciamos com as ideias de Ailton Krenak em "Ideias para Adiar o Fim do Mundo", oferecendo uma reflexão crítica sobre o mundo moderno, que funcionou como uma introdução relevante. Em seguida, estabeleci o primeiro ponto nodal, comparando a figura heroica de Davi Kopenawa em "A Queda do Céu" com o herói insurgente Ajuricaba, utilizando a jornada do herói de Campbell como referência.

Continuamos desenvolvendo essa teia ao incluir Márcia Kambeba em "O Lugar do Saber". Junto a Phillip Plas em "O Rio, Ator do Território Amazônico", essas obras discutem a concepção que o mundo moderno e globalizado tem sobre o rio, abordando seu papel como local de conexão e influência. Utilizei essas discussões para evocar a maneira como o rio é retratado na *graphic novel* "Ajuricaba". Os relatos mostram como o povo Manao, ao ressoar com esse lugar ancestral, conseguiu resistir aos colonizadores, impedindo sua subida pelo rio e assegurando uma vitória temporária.

Por fim, recorremos a Eduardo Viveiros de Castro em "Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio" para destacar a perspectiva a ser almejada. Em última análise, os textos se conectam em uma narrativa decolonial, apontando para um local, conforme descrito por Arturo Escobar, que serve como uma alternativa às predações da globalização.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1997.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?** In: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 63- 79.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Companhia das Letras, 2015. Capítulos 17, 18 e 19.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leira, 2020. p. 11-24.

LUMET, Sidney. **12 Homens e uma Sentença**. Produção de Henry Fonda e Reginald Rose. Roteiro de Reginald Rose. Estados Unidos: United Artists, 1957. 1 filme (96 min). Preto e branco, sonoro.

QUIJANO, A. **A colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais – Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

VIEIRA, Ademar et al. **Ajuricaba**. Manaus: Black Eye Estúdio, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Mana. Estudos de Antropologia Social, 2(2):115-144. 1996.

PLAS, Phillip; PONTE, Vanderlúcia; MUNIZ, Érico Silva. **O rio, ator do território amazônicos**. Novos Cadernos NAEA. v. 26, n. 1. p. 43-66. jan-abr. 2023.